

Panorama do Novo Testamento

(Jeane Kátia)

INTRODUÇÃO

O reino do norte, Israel, havia sido conquistado pelos assírios em 722 a. C., sob a liderança de Sargão II, que deportou seus habitantes para a Assíria e para outras de suas terras conquistadas (II Reis 17:6). Um remanescente formado por pobres lavradores, foi por ele ali deixado e, estes lavradores mesclaram-se com povos de outras nações conquistadas pelos assírios, os quais, foram importados para povoarem essa área conhecida como Samaria.

O reino do Sul, Judá, por sua vez, foi conquistado pelos babilônios, cuja conquista se deu em três etapas: (1) Em 605 a. C., ocasião em que Daniel foi levado dentre os cativos para a Babilônia, bem como, membros da família real e líderes abastados e, os três jovens mencionados em Daniel 1; (2) Em 597 a. C., ocasião em que uma curta rebelião foi suprimida, servindo de pretexto para outra deportação, incluindo Ezequiel; (3) Por ocasião de uma revolta ainda posterior, conduzida por Zedequias, que foi sufocada em 586 a. C., resultando na destruição completa do Templo e na deportação de todos para a Babilônia, exceto algumas poucas pessoas pobres, que ali foram deixadas, para evitar que o país se tornasse num deserto.

Diferença básica entre a política adotada pelos dois tipos de cativos:

- A política dos assírios, foi a de tentar destruir todo o vestígio de linhagem nacional e, assim, unir todos os povos num só.
- No caso do cativo babilônico, este foi mais um exílio, do que um cativo propriamente dito. Até por que, o propósito das deportações não foi tanto destruir as linhagens nacionais, e sim, punir aqueles que se opunham ao governo babilônico. Inclusive, foi permitido aos cativos, uma certa parcela de liberdade e, eles podiam até mesmo, eleger seus próprios líderes em suas comunidades. Além disso, conforme podemos ver no relato bíblico, muitos desses exilados se tornaram líderes no governo babilônico, como foi o caso de Daniel.

Mudanças que aconteceram a partir do cativo babilônico:

- A partir daí, esses exilados desenvolveram-se na indústria e no comércio. Até que, durante os tempos do Novo Testamento, as comunidades judaicas eram primariamente urbanas e comerciais, em vez do meio agrícola e pastoral do Antigo Testamento;
- Durante esse período o nome **judeus** entrou em uso pela primeira vez. Este nome denotava o povo da nação conquistada de Judá;
- Surgiram nesse período, os grupos de adoradores que se reuniam regularmente para ouvirem a Lei lida, uma palavra de exortação ou explicação, o cântico de salmos e a recitação de orações. Esses grupos formaram os primórdios da instituição que mais tarde veio a ser conhecida pelo nome grego de **SINAGOGA** que significa "*reunidos juntos*";
- Foi ainda durante esse período que, finalmente, o povo entendeu que a calamidade advinda sobre eles, foi devido à idolatria por eles praticada, o que levou ao abandono total dessa prática;
- Na sinagoga surgiu a importante função de mestre, os quais, podiam ser de linhagem sacerdotal, ou não. O ensino regular da Torah levou à uma ênfase renovada sobre o Sábado, a circuncisão e o jejum. Contudo, algumas influências sutis das religiões da Babilônia e da Pérsia foram introduzidas nas instruções religiosas dadas pela sinagoga. E estas doutrinas, podem ser

vistas nas doutrinas em desenvolvimento acerca da vida depois da morte, angeologia e demonologia.

O Período Interbíblico

A história do Antigo Testamento se encerrou com o cativo que a Assíria impôs ao reino do norte, Israel, com o subsequente cativo babilônico do reino do sul, Judá e, com o regresso à Palestina de parte dos exilados, quando da hegemonia persa nos séc. VI e V a. C.. No Novo Testamento, a Palestina é subserviente aos romanos. A história política que denota esta mudança incide em quatro partes: o período persa, o período grego, o período macabeu ou hasmoneu (também conhecido como sendo o período da independência), e o período romano.

Esse período ficou conhecido, como: "Período Interbíblico" ou, "Período do Silêncio Profético". Embora não houvesse revelação profética durante os 400 anos desse período Interbíblico, houve neles intensa atividade dos judeus e aconteceram fatos importantíssimos para a história israelita. Para se entender melhor o NT é bom pesquisar a história secular daquele período, sobre a qual daremos rápida pinceladas.

O período Persa (538 - 331 a. C.)

Ciro, tendo unido as nações da Média, Lídia e Pérsia, capturou a Babilônia em 538 a. C.. Ele confirmou muitos dos judeus em suas posições de autoridade governamental. É de se ressaltar, que a política por ele adotada, foi a de permitir o retorno dos povos conquistados para sua terra de origem. Todavia, a maioria dos judeus estavam satisfeitos na Babilônia, tendo decidido ali permanecer, pelo que, apenas 50.000 judeus retornaram à Palestina, sob a liderança de três homens em três épocas diferentes:

- 1ª volta, sob Zorobabel, príncipe da linhagem real de Davi, em 535 a. C. - Dá-se início à reconstrução do templo;
- 2ª volta, sob Esdras em 485 a. C. Dá-se início às reformas, as quais, deveriam ter resultados de longo alcance;
- 3ª volta, sob Neemias em 445 a. C., este, e depois Malaquias, deu continuidade às reformas iniciadas por Esdras;

Os judeus que optaram por permanecerem na Babilônia, contribuíram financeiramente com os que voltaram, afim de que pudessem reconstruir o Templo e a cidade de Jerusalém.

Os adversários da reconstrução do templo, eram uma combinação dos povos, que ali foram deixados, após as deportações sob os assírios e os babilônios; os povos trazidos por Sargão II para povoarem o país; e, os inimigos anteriores dos dois reinos de Israel e de Judá que, em sua ausência, tiveram oportunidade de estenderem seus limites de influências. Os descendentes dos casamentos mistos desses grupos foram denominados "SAMARITANOS". Daí, a razão da rivalidade encontrada no Novo Testamento entre judeus e samaritanos.

Em 516 a. C., sob a pregação de Ageu e Zacarias, a reconstrução do templo, finalmente, chegou ao fim. Nesse período, o oficial mais alto politicamente, era o sumo-sacerdote, o qual, era escolhido mediante aprovação do governo persa.

Anos mais tarde, ainda durante o período interbíblico, deu-se a construção do templo no monte Gerizim, onde os samaritanos passaram a adorar (Jo. 4), o que, sem dúvida, veio alargar ainda mais a separação entre **judeus e samaritanos.**

O período Grego (331 - 167 a. C.)

Alexandre, O Grande, tornou-se senhor do antigo Oriente Médio, ao **infligir sucessivas derrotas aos persas**, quando das batalhas de Granico (334 a. C.), Isso (333 a. C.) e Arbela (331 a. C.). Admirador que era da cultura grega, Alexandre ordenou que esta fosse ensinada em todo o seu império (foi o chamado "HELENISMO", porque a Grécia antiga era chamada HÉLADA), razão pela qual, a língua grega, veio a se tornar a língua comumente falada nesse período e, até mesmo, nas ruas de Roma nos tempos do Novo Testamento.

Uma vez que Alexandre, o Grande, não tinha herdeiro para o seu trono, com a sua morte, aos 33 anos de idade, em 323 a. C., seu vasto império foi dividido em quatro porções entre seus quatro generais, duas das quais, são de suma importância no pano-de-fundo do desenvolvimento histórico do Novo Testamento, foram eles: os Selêucidas e os Ptolomeus.

O Império dos ptolomeus, centralizava-se no Egito, tendo Alexandria por capital. A dinastia governante naquela fatia do império veio a ser conhecida como ptolomeus.

O império Selêucida centralizava-se na Síria, e tinha por capital Antioquia. Alguns dentre a casa ali reinante, receberam o apodo de selêuco, mas diversos outros, foram chamados de antíoco.

A Palestina, premeida que estava entre esses dois impérios, veio a se tornar vítima da rivalidade existente entre eles. **À princípio, os ptolomeus a dominaram por 122 anos (320 a 198 a. C.), porém, os judeus gozavam de boas condições nesse período** e, segundo a tradição, foi sob Ptolomeu Filadelfo (285 - 246 a. C.), que se deu a escrita da SEPTUAGINTA por 70 sábios judeus.

Contudo, **em 198 a. C., Antíoco III (da Síria), derrotou o Egito e, a Palestina passou a ficar sob o domínio deste.** Em virtude disso, surgiu entre os judeus duas facções: a "casa de Onias" (pró-Egito) e a "casa de Tobias" (pró-Síria). Foi nessa época que a Palestina foi dividida em Galiléia, Judéia, Samaria, Peréia e Tranconites. Vale dizer, que no começo, os judeus puderam exercer sua religião, sob a orientação do sumo-sacerdote.

A perseguição aos judeus, só teve início, quando Antíoco IV ou Epifânio, assumiu o poder. Este, Intencionava helenizar a cultura judaica, o que incluía, a freqüência de judeus aos teatros gregos; adoção de vestes no estilo grego; cirurgia com o fim de se fazer a remoção das marcas da circuncisão; e, a substituição de nomes hebraicos por nomes gregos; para isso, Antíoco Epifânio fez a substituição do sumo-sacerdote Onias III por um irmão deste, Jasom, o helenizante, o qual, planejava transformar Jerusalém numa cidade grega. Os judeus que se opunham à paganização de sua cultura, eram chamados os "Hasidim", os piedosos que a grosso modo equivale a puritanos; Neles tiveram origem os fariseus e, provavelmente, os essênios.

A prática da SIMONIA (venda de cargos sacerdotais), introduzida por Antíoco Epifânio, veio a resultar, POSTERIORMENTE, em sérios problemas para os judeus, ocasionando na destruição de Jerusalém e na profanação do templo. Entretanto, a resistência judaica se fez sentir prontamente.

A Revolta dos Macabeus

Esta resistência se deu quando **Matatias, um sacerdote idoso**, recusou-se a oferecer um sacrifício pagão no altar do Senhor e, tirou a vida de um judeu que se prontificou em fazê-lo, matando também em seguida, o agente real enviado por Antíoco Epifânio. Tendo feito isso, Matatias fugiu para a região montanhosa, com seus cinco filhos e outros simpatizantes; e, a partir daí, teve início o que ficou conhecido como sendo a Revolta dos Macabeus;

Judas, Macabeu, foi o primeiro filho de Matatias que o substituiu após sua morte. Ele reconquistou Jerusalém, purificou e reconstruiu o templo no ano 165 AC. Esse feito de Judas Macabeu passou a ser comemorado pelos judeus como “Festa da Dedicção”. Judas exerceu o governo sacerdotal e militar, fundado uma dinastia que durou 100 anos.

É de se ressaltar, que a revolta dos macabeus foi também uma guerra civil entre pró-helenizantes e anti-helenizantes; tendo o conflito prosseguido mesmo após a morte de Epifânio (163 a. C.). Finalmente, os macabeus recuperaram a liberdade religiosa, consagraram novamente o templo, conquistaram a Palestina e expeliram as tropas sírias da cidadela que ocupavam em Jerusalém.

Judas Macabeu foi morto em batalha (160 a. C.), seus irmãos, Jônatas e, posteriormente Simão, sucederam-no na liderança. Declarando-se herdeiros presuntivos do trono Selêucida, um em oposição ao outro, puderam obter concessões favoráveis aos judeus. **Jônatas** começou a reconstruir as muralhas danificadas e os edifícios de Jerusalém. E, assumiu igualmente, o ofício sumo-sacerdotal. **Simão** conseguiu o reconhecimento da independência judaica da parte de Demétrio II (um dos que também competiam pela coroa dos selêucidas), tendo renovado o tratado com Roma, que originalmente fora firmado por Judas. Tendo sido proclamado como o "grande sumo-sacerdote, comandante e líder dos judeus", Simão passou a reunir oficialmente em sua pessoa a liderança religiosa, militar e política do estado judeu.

O período subsequente da dinastia hasmoneana (142-37 AC), consiste de um relato de contendas internas, derivadas da ambição pelo poder e, isso, fez com que muitos dos hasidins se alienassem de suas inclinações religiosas.

O Período Romano

Finalmente, porém, o general romano Pompeu, subjulgou a Palestina em 63 a. C., de modo que durante o tempo do Novo Testamento, a Palestina estava dominada pelo poderio romano.

Este general, colocou o idumeu, descendente de Esaú, de nome Antipas como governador da Judéia. Antipas foi o pai de Herodes, que reinava quando Jesus nasceu. Foi ele quem mandou matar as criancinhas em Belém, na tentativa de eliminar Jesus, o verdadeiro Rei dos Judeus. Jesus nasceu quatro e cinco anos antes da data oficial dada como do seu nascimento. Este foi um erro dos historiadores. Herodes, o Grande, foi rei de 37 AC a 3 AC. Esse Herodes foi pai de Herodes Antipas, o que mandou matar João Batista. O Herodes Agripa era neto de Herodes, o Grande, o que reinava quando Jesus nasceu. Houve ainda outros Herodes, que não tem grande importância.

Importante notar é que certos fatos da Bíblia se relacionam com diferentes Herodes. O Antipas matou João Batista; o Agripa matou Tiago e prendeu Pedro; o grande matou as crianças em Belém e construiu o templo de mármore em Jerusalém; Pilatos apresentou Jesus ao Antipas. Mas, todos era chamados Herodes. Houve ainda o Herodes Filipe, que foi tetrarca, era irmão de Herodes Antipas. Herodias era esposa legítima de Herodes Filipe, tornando amante de Herodes Antipas, seu irmão. A condenação de tal ato custou a cabeça de João Batista.

I. INSTITUIÇÕES EXISTENTES NA ÉPOCA DE CRISTO

O Sinédrio – Era o supremo concílio dos judeus. Surgiu nos tempos de Esdras e Neemias e tinha a missão de zelar pela pureza religiosa do povo judeu. Era presidido pelo sumo sacerdote e, constituía-se de 70 membros entre sacerdotes e nobres fariseus, saduceus e escribas.

A Sinagoga – Durante o período do silêncio profético surgiu também um instituição que veio a exercer enorme influência na disseminação do Cristianismo: a SINAGOGA. Era uma escola para

os judeus. Surgiu, mais precisamente, por ocasião do cativeiro babilônico, quando os judeus sentiam a falta do templo. A Sinagoga tornou-se o lugar de reunião dos judeus, onde quer que houvesse um grupo deles. Obteve importância e se espalhou, existindo ainda hoje no mundo inteiro. Segundo o relato bíblico, Jesus foi à sinagoga e leu as Escrituras (Lc.4.14-21); e, ensinava frequentemente nas sinagogas (Mt. 4.23; 12.9; 13.54; Mc. 1.39; 6.2; Lc.4.15; Jo.18.20). Os missionários tinham nas sinagogas um ponto de apoio, por onde iniciavam o seu trabalho (At. 9.20; 13.5; 14.43; 15.1; 17.1,2; 18.4; 19.8).

O Templo – Salomão construiu o primeiro templo, que foi destruído por Nabucodonosor. Esdras construiu o segundo, mas o templo por ele edificado perdia muito para o de Salomão, sendo comparativamente muito pobre (Ed.6.14; Ag.2.9). Os velhos, que conheceram o primeiro templo, choravam ao ver a pobreza do segundo (Ed.3.12). Então, Deus enviou o profeta Ageu, que os exortou (Ag. 2.3). Este templo foi destruído quando Antíoco Epifânio ordenou a destruição de Jerusalém em 168 a. C.. Em 19 a. C., Herodes, o Grande, tendo causado tantos males aos judeus, quis fazer algo de bom, pelo que construiu um templo para os judeus, o qual, foi construído com enormes blocos de pedra (Mc.13.1,2). Esse templo foi destruído no ano 70 AD pelo exército romano. No seu lugar existe hoje uma riquíssima mesquita muçulmana.

II - GRUPOS RELIGIOSOS QUE VIERAM A EXISTIR DURANTE O PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO:

Os Fariseus – Esse é o grupo maior e mais importante. A palavra em si significa "separatistas", tendo sido, provavelmente, aplicada como expressão de escárnio aos oponentes. É mais provável que eles foram os sucessores dos "**hasidins**". Seja qual for sua origem, os fariseus foram o resultado final do movimento que teve os seus primórdios com Esdras, intensificado pelos hasidins, sob os sírios e romanos, contudo, os propósitos políticos e as intrigas derivadas da ambição pelo poder por parte dos hasmoneanos, alienaram muitos dos Hasidins de suas inclinações religiosas. Eles tinham maior controle sobre o povo do que os saduceus, que eram mais abastados e politicamente poderosos. Os fariseus controlavam a Sinagoga, e só eles sobreviveram à Guerra Judaico-Romana de 66-70 DC. Para o fariseu, a tradição oral suplantou a Lei. Este era o principal ponto em que divergiam dos saduceus, que não viam nenhuma necessidade de alterar a lei. Os fariseus diziam, que as finas distinções das tradições orais eram para facilitar o cumprimento da lei sob novas condições e, tornar virtualmente impossível pecar-se. Eles também colocavam uma forte ênfase sobre a providência divina nos assuntos do homem. No período neo-testamentário, seus seguidores eram tidos, como sendo os mais zelosos no cumprimento dos preceitos religiosos e das tradições; todavia, Jesus os chamou de hipócritas, porque se preocupavam mais com a aparência (Mt.23.13-35).

Os Saduceus – Seita que surgiu na mesma época em que surgiram os fariseus. Tiveram sua origem nos partidários aristocráticos de pendores políticos do sacerdócio hasmoneano. Gabavam-se de sua fidelidade à lei mosaica, em contradistinção à tradição oral; contudo, eram muito liberais, pelo que, aceitavam a cultura grega, razão pela qual, eram odiados pelos fariseus. Eram mais voltados para o aspecto político. Controlavam o Sinédrio e qualquer resquício de poder político que restava. O sumo sacerdote era sempre o líder deste grupo, pelo que, também controlavam o templo. Era um grupo fechado e não procurava prosélitos como faziam os fariseus. Teologicamente conservadores (diziam), limitavam o cânon à Torah ou Pentateuco. Rejeitavam as doutrinas da ressurreição, demônios, anjos, espíritos, e advogavam a vontade livre, em lugar da providência divina.

Os Herodianos – Os saduceus da extrema esquerda eram conhecidos como herodianos. Tirando o nome da família de Herodes, eles baseavam suas esperanças nacionais nessa família e, olhavam para ela com respeito ao cumprimento das profecias acerca do Messias. Eles

surgiram cerca de 6 DC. Eram de um tipo bajulador do rei, mais políticos do que religiosos. Faziam uma oposição inconseqüente à obra de Deus, unindo-se aos inimigos de Jesus (Mt.22.16 e ss).

Os Escribas - Naquele tempo não havia outro meio conhecido para se tirar cópias de qualquer escrito, por isso, a classe dos escribas era muito importante. Eles se ocupavam de copiar, especialmente, as Escrituras à mão. Como se ocupavam de copiar as Escrituras, eram profundos conhecedores de seu texto, por isso eram muito respeitados. Vale lembrar, que Esdras era sacerdote e escriba.

Outros grupos existentes na época são menos importantes para nós, porque o texto não fala deles, como:

→ Essênios – Eles representavam o desenvolvimento na extrema direita dos fariseus. Eram tão fanáticos no seu zelo legalista que se separaram, afim de viverem uma vida ascética, nas regiões desérticas ao redor do Mar Morto e viviam uma vida rigidamente devota. A partir dos documentos de Qumram, parece que eles aguardavam um messias que iria combinar as linhagens real e sacerdotal, numa estrutura escatológica. Esse grupo não é mencionado no Novo Testamento. Alguns pensam que João Batista fez parte desse grupo, mas não existem provas disso.

→ Zelotes – Destes, a Bíblia diz apenas que ao apóstolo Simão Cananita era zelote (comparar Mt. 10.4 com Lc. 6.15). Naturalmente, quanto a Simão, ele se converteu e abandonou o seu partido. Estavam interessados na independência da nação e sua autonomia, ao ponto de negligenciarem toda outra preocupação. Foram os zelotes que empreenderam uma revolta no ano 66 D C, que culminou com a destruição de Jerusalém pelo exército romano, comandado pelo general Tito.

→ Zadoquistas – Eram a ala extremista dos saduceus, que se chamavam “filhos de Zadoque” ou eram apelidados disso. Eram missionários fervorosos, em busca de um mestre de justiça que chamasse Israel de volta ao arrependimento e apareceria no advento do Messias. Eles fracassaram no seu intento de promover uma reforma religiosa no II século AC e, por isso, foram para Damasco, onde fundaram uma comunidade que denominaram “Nova Aliança”. Alguns voltaram como missionários para sua terra natal e depararam com a amarga oposição por parte dos fariseus e saduceus. A descoberta de documentos na comunidade de Qumram sugere alguma relação entre os zadoques, os essênios e essa comunidade. Aceitavam toda a palavra escrita, mas rejeitavam a tradição oral. Eram muito abnegados na vida pessoal e leais aos regulamentos da pureza levítica. Deram grande ênfase à necessidade de arrependimento.

III - LITERATURAS PRODUZIDAS NO PERÍODO INTERBÍBLICO: APÓCRIFOS

Durante o período do silêncio profético surgiram muitos APÓCRIFOS e algumas obras sobre as tradições judaicas, como a MISNA, a GEMARA, a MIDRASIM e a CABALA. Escritos em hebraico, aramaico e grego, e datados posteriormente dos períodos inter e neo-testamentário, os livros apócrifos do Antigo Testamento contêm história, ficção e literatura de sabedoria. **Apócrifa**, é um vocabulário grego que significa "aquilo que está oculto"; mas nos dias de Jerônimo, designava nova literatura "falsa", isto é, não inspirada. Este sentido permaneceu e, refere-se à coleção de livros não-canônicos, incorporados à Septuaginta e à Vulgata Latina. Os judeus e, posteriormente, os cristãos primitivos, de modo geral, não reputavam esses livros como Escritura Sagrada; razão pela qual, o termo apócrifos, que originalmente significava "oculto, secreto", e, por conseguinte, "profundo", terminou por significar não-canônico.

Vale dizer, ainda, que pela data e pelo local em que cada apócrifo foi produzido, deduz-se que os nomes dados aos livros, não coincidem com a realidade, o que nos leva a concluir que são

nomes supostos e não-verdadeiros. Essas obras de tradição passaram a receber dos judeus valor igual ao das Escrituras, ao que Jesus condenou, dizendo: "E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus." (Mt.15.6). E "Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pelas vossa tradição? (Mt.15.3).

IV -PERSPECTIVA JUDAICA NO AMBIENTE DO N.T.

Devido os 400 anos de silêncio profético, o povo estava sedento por ouvir novamente alguém que, como verdadeiro porta-voz de Deus, pudesse dizer com autoridade "*assim diz o Senhor*", ainda que isso fosse seguido de uma dura palavra de advertência, dirigida ao povo. E, é nesse contexto de grande expectativa, que surge João Batista pregando no deserto, o que, sem dúvida, explica a atitude de aceitação popular, em relação à sua pregação de arrependimento. Além disso, havia também o fato, de que João Batista em tudo se assemelhava, com a imagem que tinham dos profetas antigos, em especial, do profeta Elias.

Messianismo - Os judeus, dominados que estavam pelo império romano, ansiavam pela vinda do Messias anunciado pelos profetas. Todavia, a visão que tinham do Messias, era a de um grande Rei que viria para libertá-los do jugo dos seus opressores, bem como, elevá-los como nação, perante as demais nações existentes em seu tempo.

Ao fazer o milagre da multiplicação dos pães, alimentando toda a multidão que O seguia, Jesus fez com que os judeus se lembrassem do Maná, enviado dos céus, para alimentar o povo de Israel quando peregrinava no deserto. Os judeus queriam um grande Rei, para eles, o milagre da multiplicação dos pães feito por Jesus, era um sinal, de que o Messias esperado havia chegado e, por isso, tentaram coroa-LO como Rei de Israel. Os judeus não ansiavam por um Messias sofredor, e sim, por um Messias que mesmo das pedras pudesse tirar o alimento para o sustento de Seu povo (Mt. 4:3-4).

Porque os principais líderes religiosos rejeitaram a Jesus? (70 semanas X ganância desses líderes);

- Porque Jesus proibiu aos seus discípulos que anunciassem que Ele era o Messias esperado?

Assim, vimos algumas informações úteis ao entendimento de textos bíblicos do NT, que seriam de difícil compreensão sem essa base .

V - ESTRUTURA LITERÁRIA DO N.T.

O **CÂNON DO NOVO TESTAMENTO** consiste dos livros aceitos pela Igreja primitiva, como Escrituras divinamente inspiradas. O termo **cânon**, à princípio significava **vara de medir**, mas terminou adquirindo o sentido metafórico de **padrão**. No que tange ao Novo Testamento, refere-se àqueles livros aceitos pela Igreja como o padrão autoritativo de crença e conduta.

Como **os cristãos, à princípio, não contavam com quaisquer dos livros que figuram em nosso Novo Testamento**, eles dependiam do Antigo Testamento, de uma tradição oral acerca dos ensinamentos, da obra remidora de Jesus e, de revelações diretas da parte de Deus, por meio dos profetas cristãos. Porém, algumas razões de ordem prática tornaram necessário que a Igreja desenvolvesse a relação de livros que deveriam compor o Novo Testamento. Isso por que, heréticos como ¹Marcion estavam formando seu próprio cânon das Escrituras e estavam levando o povo ao erro.

¹ Marcion deixou sua cidade natal, Ponto, em 138 DC e foi para Roma, onde se tornou influente na Igreja Romana. Por entender que o Judaísmo era mau, rejeitou a Bíblia hebraica e o Iavé nela representado. Ele formou

Marcion propunha a existência de dois deuses, um mal, o do Velho Testamento, para criar e, um bom para redimir. Quando Marcion formou seu Cânon do Novo Testamento, a Igreja se viu forçada como auto-defesa a se preocupar com o problema de definir quais livros seriam considerados canônicos e autoritativos para a fé e para a vida. Um pequeno credo para provar a ortodoxia foi logo elaborado, afim de atender a uma necessidade prática. Foi nesse período, que o prestígio do bispo foi aumentado, devido à forte ênfase sobre seu ofício, como centro da unidade contra a heresia. Em troca, isto provocou o posterior desenvolvimento da proeminência do bispo romano.

Um outro motivo que levou a Igreja à providenciar a formação do Cânon, é que os cristãos, uma vez que estavam sendo perseguidos, não estavam dispostos a arriscar suas vidas por um livro, se não estivessem certos de que ele integrava o Cânon das Escrituras. Como os apóstolos estavam saindo de cena, havia a necessidade de alguns registros, que seriam reconhecidos como autorizados e dignos de adoração.

O maior **teste do direito de um livro estar no Cânon** era se ele tinha os sinais da apostolicidade ou se era escrito por um apóstolo ou por alguém ligado intimamente aos apóstolos, como Marcos, o autor do segundo Evangelho, que, provavelmente, contou com a ajuda de Pedro. A eficácia do livro na edificação quando lido publicamente, e sua concordância com a regra de conduta e fé, serviam também de testes. **Na análise final**, o que contava para a decisão sobre que livros deveriam ser considerados canônicos e dignos de serem incluídos no Novo Testamento era a verificação histórica de autoria ou influência apostólica ou a consciência universal da Igreja dirigida pelo Espírito Santo: "*É dinâmico?* - Veio acompanhado do poder divino de transformação de vidas?" Além disso, os pais da igreja tinham a prática de "em caso de dúvida: "jogue fora". Isso acentua a validade do discernimento que tinham sobre os livros canônicos.

É de se ressaltar, que **o desenvolvimento do Cânon foi um processo demorado, basicamente encerrado em 175 DC**, exceto para o caso de uns poucos livros. Tiago, II Pedro, II e III João, Judas, Hebreus e Apocalipse estavam entre os livros, cujo lugar no Cânon ainda era discutido. A demora da inclusão destes livros deveu-se, sobretudo, à incerteza de sua autoria. Porém, Atanásio, bispo de Alexandria, em sua carta em 367 DC à Igreja sob sua jurisdição, relacionou os mesmos 27 livros do Novo Testamento atual. Concílios como o de Calcedônia em 451, apenas aprovaram e deram uma expressão uniforme, àquilo que já era um fato, geralmente, aceito pela Igreja. A demora com que a Igreja aceitou Hebreus e Apocalipse como canônicos, indica-nos o cuidado e a atenção que ela dispensou a este problema.

VI - CARACTERÍSTICAS DOS LIVROS DO NT

1. Os Evangelhos Sinópticos – Sinóptico é uma palavra que significa “visto do mesmo ângulo”, “observado do mesmo ponto de vista” ou “visto sob a mesma ótica”. São eles: Mateus, Marcos e Lucas. Eles mostram Jesus, que nasceu de Maria, viveu como homem, foi batizado no rio Jordão por João Batista, fez milagres, ensinou, morreu na cruz, ressuscitou e, ordenou que os discípulos anunciassem o Evangelho a todos os povos. Contudo, o estudioso da vida de Jesus, de imediato tem de se defrontar com o "problema sinóptico": Porque os três primeiros evangelhos (ou sinópticos) são tão parecidos entre si?

seu próprio cânon, que incluía o Evangelho de Lucas, os Atos e dez Cartas identificadas com o nome de Paulo. Embora seus negócios tenham feito dele rico o bastante para prestar uma substancial ajuda à Igreja Romana, ele foi expulso por causa de suas idéias. Ele fundou, então, sua própria igreja.

O problema sinóptico entra em foco quando a seguinte estatística é observada: Cerca 93-95% do Evangelho de Marcos é reproduzido em Mateus e Lucas. Dos 661 versículos contidos em Marcos, todos, exceto cerca de 30, são encontrados nos outros dois sinópticos. A substância de 606 versículos pode ser encontrada em Mateus (correspondendo a 500 por causa de diferente disposição do conteúdo). Lucas reproduz cerca de 320 versículos de Marcos, incluindo 24 que Mateus não usou. Isso significa que dos 661 versículos contidos em Marcos, somente 30 não aparecem nos outros dois. Isso significa que 93-95% de Marcos é encontrado ou em Mateus ou em Lucas, mas, somente 58% de Mateus e 41% de Lucas é encontrado em Marcos (e, apenas 8% de João é comum a Marcos).

As concordâncias e coincidências são bem impressionantes no Novo Testamento grego. Versículos idênticos nos três Evangelhos e, idênticos em dois, são imediatamente evidentes. A concordância, em um grande número de casos, é encontrada no vocabulário e na ordem de palavras. Em outros exemplos, são usados sinônimos, e é observada a ordem invertida. Também se observa que a ordem geral da narrativa de eventos é seguida. Quando um dos outros dois Evangelhos diverge da ordem de Marcos, o outro é fiel a ele. Mateus e Lucas dificilmente concordam juntos em contraposição a Marcos.

Este é o problema sinóptico. É a tarefa do estudante do Novo Testamento é tentar explicar as semelhanças e divergências nos três Evangelhos. "Porque eles têm tantas coisas em comum, e como explicar as diferenças?"

É difícil para muitos, aceitar a idéia de que os escritores dos Evangelhos poderiam ter usado histórias, tanto escritas quanto orais, acerca da vida de Cristo. Sua concepção dos Evangelhos é que o Espírito Santo deu o material a cada um dos escritores de maneira mecânica; ou seja, os autores dos Evangelhos eram simplesmente penas nas mãos do Espírito Santo. Contudo, o prefácio do Evangelho de Lucas (1:1-4), afirma claramente que ele havia investigado muito inteiramente o material a ser escrito. Isso indica que Lucas teve acesso a fonte tanto orais quanto escritas. Deve ser presumido, então, que os escritores dos Evangelhos também usaram "fontes" para sua obra.

[Sugerir a leitura do capítulo 3 (pág. 55 - 71 - a partir do título: **Crítica da fonte**) do livro: "*Introdução ao Estudo do Novo Testamento*". Autor: Broadus David Hale. 3ª edição - editora: Juerp. 1989. RJ].

2. O Evangelho Segundo João – não pode ser contado entre os sinópticos, porque João quis mostrar Jesus de outro ângulo. Ele fala de Deus, Criador do mundo, que se fez carne e habitou entre nós. Fala dos milagres e dos ensinamentos de Jesus, mas para provar que Jesus é Deus.

Foi João quem registrou a polêmica de Jesus com os fariseus, em que Jesus disse: "Eu sou o pão da vida", Jo.6.35. "Porque Eu desci do céu" (v.38); "Eu sou o pão que desceu do céu" (v.41) etc. Só João registrou palavras de Jesus, como: "Eu e pai somos um" (Jo.10.30) e, "quem me vê a Mim vê o Pai" (Jo.14.9) e "Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em Mim, e eu em ti..." (Jo.17.21). Finalmente, o que encontramos em Mateus está em Marcos e Lucas, mas não está, de modo geral, em João. E nem tudo o que está em João encontramos nos três sinópticos.

Evidentemente, João era da opinião que os evangelistas sinópticos já haviam apresentado informações suficientes sobre o ministério na Galiléia e sobre o Reino de Deus; por esta razão, sua ênfase recaiu sobre a Divindade de Jesus.

3. O Livro de Atos – Fala da fundação da Igreja, que aconteceu no dia do Pentecoste; do viver diário dos cristãos primitivos; de suas lutas; perseguições e vitórias; e, da expansão do Evangelho através das obras missionárias iniciadas com Paulo e Barnabé.

4. As Epístolas – Ou Cartas são interpretações dos ensinamentos de Jesus e o estabelecimento da doutrina cristã. Elas foram escritas para atender necessidades da época, e não, com o objetivo de compor um volume, como a Bíblia que temos hoje. Contudo, Deus estava coordenando tudo, visando o estabelecimento da doutrina cristã para que, todos os povos em todas as épocas, pudessem conhecer a Verdade do Evangelho de Cristo. Essas epístolas são:

- Doutrinárias – Especialmente Romanos, Gálatas e Hebreus; embora as outras também tratem do assunto.
- Um manual de vida cristã – 1ª e 2ª Coríntios, 1ª e 2ª Timóteo, Tito e 1ª, 2ª e 3ª João.
- Pessoais – Efésios, Colossenses, Filipenses, 1ª e 2ª Tessalonicenses, Tiago, 1ª e 2ª Pedro e Judas.

5. Livro de Profecia: Apocalipse

O livro de Apocalipse de João é a previsão dos últimos acontecimentos, tanto com relação aos justos quanto aos ímpios. Trata de consumação dos tempos, com a obra de Deus chegando ao seu desfecho.

VII - A VIDA PÚBLICA DE JESUS - Testemunho extra-bíblico.

Mateus, Marcos, Lucas e João - com todo o direito figuram em primeiro lugar como as principais fontes de estudo sobre a vida de Jesus. As poucas fontes informativas não-canônicas - o historiador judeu do primeiro século, Josefo (com posteriores inserções feitas por copistas cristãos), o Tamulde Babilônico e, os escritores romanos Plínio (o Jovem), Tácito, Suetônio e Luciano - são tão lacônicas que não se revestem de valor algum, na tentativa de reconstituição da carreira de Jesus. No entanto, confirmam que Ele realmente viveu, tornou-se uma figura pública, morreu sob Pôncio Pilatos e, que num espaço de doze anos após a Sua morte, a adoração à Sua Pessoa já havia chegado à lugares tão distantes quanto Roma.

VIII - VISTA PANORÂMICA DOS QUATROS EVANGELHOS:

1) O Evangelho Segundo Marcos

→ Estilo Literário: Estilo romano, que não usa de rodeios, indo direto ao assunto

→ Autoria: Dos quatro livros do Novo Testamento, que são denominados "Evangelhos", o segundo da ordem é aceito pela maior parte dos estudiosos, como sendo o mais antigo. Este Evangelho em si é anônimo, ou seja, dentro do livro não há nenhuma afirmação definida quanto a quem é o autor. No início do 2º século foi atribuído a João Marcos, sobrinho de Barnabé (At. 13.5), que se tornou companheiro de Pedro (1ª Pe.5.13). Alguns estudiosos entendem, que o jovem mancebo de Marcos 14:51-52, é uma referência encoberta ao autor, isso por que, segundo eles, a inclusão de tal incidente isolado, aponta mais logicamente para Marcos do que para qualquer outra pessoa. Segundo os pais primitivos, João Marcos coletou seu material de Pedro.

→ O Propósito da Escrita: Marcos mostra Jesus como Homem de Ação e Poder.. Destaca mais as obras de Jesus e menos suas palavras, valendo para ele mais as ações. Não se preocupava com genealogias, pois, dirige sua obra aos romanos, que não tinham interesse na árvore genealógica de um estrangeiro. Marcos quer mostrar o PODER DE JESUS. E isso interessa aos romanos, que são os donos do poder temporário.

Segundo concorda a maioria dos estudiosos, Marcos escreveu em Roma, para os romanos e, por isso, escreveu no estilo romano, usando linguagem e vocabulário romano. E, porque escreve para os romanos, não cita a lei nem as profecias bíblicas, pois, isto não seria claro para os romanos. Também, ao falar de coisas que os romanos não conheciam, dava a devida

explicação. Por exemplo que o judeus “costumavam jejuar” (2.18); que “O Monte das Oliveiras ficava defronte do templo”(13.3); etc

Enfatizando as obras de Jesus, Marcos faz referências as 17 curas de enfermidades, 9 milagres ligados a fenômenos da natureza, 6 libertações de endemoninhados e 3 4ressurreições . Marcos foi o primeiro a escrever e sua obra serviu de base par os outros escritores sinópticos.

→ Data: Nas citações dos pais antigos, pode ser observado que parece haver uma concordância geral de que Marcos escreveu da Itália ou, mais precisamente, de Roma. Contudo, a época da escrita não é tão fácil de se definir, pois, muita coisa depende de se Marcos escreveu antes ou após a morte de Pedro. Se como foi sugerido, tanto Mateus como Lucas tomaram emprestado de Marcos, na produção de suas respectivas obras, então a data mais tardia seria antes da produção dos dois sínópticos restantes. Uma data provável seria por volta de 65 DC.

2) O Evangelho Segundo Mateus

→ Estilo Literário: O estilo usado pelo autor, revela ser ele uma pessoa organizada, que busca apresentar os argumentos de forma sistemática;

→ Autoria: A tradição acerca da autoria do Evangelho de Mateus não é tão certa quanto a de Marcos. O primeiro livro do nosso Novo Testamento é anônimo, assim como os outros três evangelhos. Contudo, a tradição antiga é unânime em atribuí-lo a Mateus, um dos doze discípulos de Jesus. A realidade, é que pouca dúvida pode haver de que ele estava de alguma forma, associado com o Evangelho que leva o seu nome, isso por que, a habilidade de organização exibida pelo autor concorda com a mentalidade provável de um cobrador de impostos, como fora o apóstolo Mateus. Além disso, outras evidências internas se tornam em indicações notáveis de que ele é o autor desse Evangelho, em apoio às tradições da Igreja primitiva.

→ O Propósito da Escrita: O Evangelho de Mateus é claramente o mais "judaico" dos quatro e é melhor entendido, como tendo sido escrito para cristãos de fala grega, cuja maioria era de origem judaica. O autor supõe que o leitor esteja familiarizado com o Velho Testamento e as várias seitas da Palestina naquela época. Esta suposição, da parte do autor, leva o leitor a concluir que o livro foi escrito primariamente para os cristãos judeus de fala grega (judeus helenistas).

Mateus em muitos aspectos, é uma ponte entre o Velho Testamento e o Novo Testamento. Há mais de cem citações do Velho Testamento. Este livro parece efetuar uma transição, da expectativa judaica de um messias político, para o cumprimento de todas as profecias messiânicas em Jesus de Nazaré.

O propósito do autor é demonstrar, sem deixar dúvida, que Jesus de Nazaré é o Rei Messias da Profecia hebraica; por esta razão, a palavra chave em seu Evangelho é cumprimento, a qual, é repetida com frequência para indicar que as profecias do Antigo Testamento se cumpriram em Jesus Cristo. O objetivo do autor é organizar e sistematizar suas conclusões acerca de Jesus, o Cristo.

Os Evangelhos foram escritos nos dias de crescente separação entre a sinagoga e a igreja. A igreja se tornava cada vez mais gentia. O cristianismo, que havia adorado lado a lado com judeus não-cristãos no templo e nas sinagogas, desde o princípio estava sendo forçado a tomar uma posição que iria significar separação completa do judaísmo. Um dos problemas que a igreja primitiva enfrentou, quando partiu para o mundo gentio, foi o da liberdade cristã. Por um lado, alguns cristãos estavam usando a "salvação pela graça" como um pretexto para pecarem promíscuamente. Por outro lado, havia aqueles legalistas com um conjunto estrito de regras

para a vida diária; uma lista de "sim" e de "não". Mateus escreveu para combater esses dois erros extremos do legalismo e do antinomismo. O cristão é livre, mas não livre de uma vida responsável. A justiça que resulta da graça perdoadora não leva à iniquidade. O Dom da justiça envolve um padrão de conduta que vai muito além de qualquer sistema de regulamentos. A justiça dos cristãos deve exceder a do fariseu (Mt. 5:20). Essa justiça, todavia, não leva à justiça própria. O cristão se lembra que ele é sempre um receptor da graça perdoadora de Deus. Jamais está ele numa posição de exigir que Deus satisfaça seus pedidos.

→ Data: Se Mateus se valeu do Evangelho de Marcos, e este é do período de 45 - 70 DC., então, provavelmente, Mateus pertence a uma data levemente posterior.

3) O Evangelho Segundo Lucas

→ Estilo Literário: A facilidade do autor do terceiro Evangelho no uso do idioma grego, sugere que era gentio (ou, judeu helenista), mais afeito ao idioma grego que a maioria dos judeus tê-lo-ia sido. O seu estilo, juntamente com o estilo do autor da epístola aos Hebreus, é o mais refinado de todo o Novo Testamento. As exceções têm lugar quando parece que ele seguia fontes informativas semíticas, orais ou escritas, ou então quando adotava um estilo semítico grego, para que soasse como grego "bíblico" da Septuaginta.

→ Autoria: O terceiro Evangelho e o Livro de Atos dos Apóstolos, forçosamente saíram da pena de um mesmo autor, porquanto começam ambos com uma dedicatória a Teófilo, além de compartilharem de interesses comuns e de um só estilo de redação. Outrossim, o livro de Atos faz alusão ao primeiro livro (At. 1:1). E visto que o terceiro evangelho e o livro de Atos devem ter vindo do mesmo autor, deduzimos a autoria lucana de Lucas-Atos, do fato de ter sido ele o único dos companheiros de viagem de Paulo, que poderia ter escrito as seções "nós" no livro de Atos. Todas as demais personagens estão excluídas por terem sido mencionadas na terceira pessoa no livro de Atos, ou, devido à impossibilidade de harmonizar seus movimentos geográficos, em consonância com essas seções "nós" mencionadas. Outrossim, as antigas tradições confirmam a autoria lucana.

→ O Propósito da Escrita foi o de mostrar a certeza histórica do Evangelho de Cristo. Lucas se dirige a uma audiência gentílica e, dedica a sua obra a Teófilo. Ele está interessado em estabelecer a inocência política de Jesus sob as leis romanas. Ele procura mostrar que o Evangelho é universal, que Jesus derrubara a barreira existente entre judeus e gentios e, inaugurara uma comunidade de âmbito mundial, na qual, as antigas desigualdades entre escravos e libertos, entre homens e mulheres, não mais existem. Ele não demonstrou o interesse judaico pelas profecias messiânicas cumpridas, com o mesmo grau de intensidade com que o faz Mateus. E também, modificou expressões peculiarmente judaicas, afim de que seus leitores gentios pudessem compreender melhor o que lessem.

Lucas, mui provavelmente, era um gentio (ou pelo menos um judeu helenista), podendo ter-se convertido em Antioquia da Síria. Seu nome é de origem grega. Ele apresenta Jesus como o Filho de Homem e, dirige sua obra aos gregos. Para ele, Jesus é o Homem ideal, com toda beleza perfeição e, Sua humanidade é sem participação do pecado. Assim fazendo, Lucas mostra que o primeiro Adão falhou, mas o segundo não. Cristo, o segundo Adão, venceu as tentações e desfez as obras do diabo, (I Jo.3.8). Lucas citou ensinamentos de Jesus sobre os gentios, pois, escreveu a gentios. Ele mostra que Jesus salva judeus e gregos (ou gentios). Lucas foi discípulo de Paulo, apóstolo dos gentios. Este evangelho é mais amplo e mais minucioso, pois, o seu autor fez "acurada investigação" (1:3) antes de escrevê-lo.

→ Data: Ao se tentar determinar a data de autoria, muitas coisas são levadas em consideração. Foi constatado que o Evangelho de Lucas forma o primeiro volume de Lucas-Atos. Atos teve que

ser composto em alguma época subsequente aos acontecimentos narrados em Atos 28. O Evangelho foi escrito antes de Atos (1:1). Outro fator a ser considerado na determinação de uma data, é o Evangelho de Marcos. Se Marcos foi uma das fontes que Lucas consultou, em seu Evangelho, então a datação de Marcos tem um apoio definitivo no **terminus a quo** do Evangelho de Lucas. Se, como muitos estudiosos acreditam, Marcos foi composto durante as perseguições neronianas, então, a metade dos anos 60 seria a data antiga mais provável para Lucas.

4. O Evangelho Segundo João

→ Estilo Literário: Seu autor demonstra ser profundo conhecedor dos costumes judaicos. Escrito em estilo simples e semítico, o último dos quatro Evangelhos exibe uma profundidade teológica que ultrapassa à dos evangelhos sinópticos.

→ Autoria: As tradições da igreja primitiva indicam que o apóstolo João escreveu o quarto evangelho já no término do primeiro século da era cristã, em Éfeso, cidade da Ásia Menor. Particularmente importante quanto a isso, é o testemunho de Irineu, discípulo de Policarpo, o qual, por sua vez, fora discípulo do apóstolo João - uma direta linha tradição, com um elo de ligação entre Irineu e o próprio João. Vale lembrar, que o autor do quarto evangelho reivindica o privilégio de ter sido testemunha ocular do ministério de Jesus (1:4), além de demonstrar um estilo semítico em sua redação e de possuir conhecimento acurado sobre os costumes dos judeus. Também, era profundo conhecedor da topografia da Palestina, conforme ela era antes do holocausto de 70 DC. Além disso, há o relato de detalhes vívidos que só poderiam ser esperados da parte de uma testemunha ocular.

→ Propósito da Escrita: Na época em que João escreveu este Evangelho, estava sendo divulgada uma heresia chamada EBIONISMO, que ensinava ser Jesus um mero homem, mas sem pecado. O Evangelho segundo João foi escrito, com objetivo de refutar essa heresia. Daí, a razão dele ter colocado ênfase na divindade de Jesus.

5. Síntese Dos Quatros Evangelhos

Mateus escreveu para os judeus. Mostrou Jesus como o Messias Prometido desde a Antigüidade. *Marcos* escreveu para os romanos, mostrou Jesus como o Homem Poderoso e de Ação. *Lucas* escreveu para os gentios ou gregos, mostrou Jesus como o Homem Perfeito, imaculado, ideal. João escreveu para a Igreja, para preveni-la contra as heresias. Mostrou Jesus como Deus, que se fez homem. “Os sinópticos contém uma mensagem evangelística para os homens não espirituais; o de João contém uma mensagem espiritual para os cristão.

“Os sinópticos sintetizam quando descrevem milagres operados por Jesus, por sua vez, quando João descreve um milagre de Jesus (e descreve poucos...), geralmente, dedica-lhe amplo espaço, pois, não se limita ao milagre em si, mas usa-o como ponto de partida para a argumentação doutrinária, para rebater heresias, para desmascarar adversário e, para exaltar a pessoa de Jesus. Assim sendo, a cura do cego de nascença ocupa todo o capítulo 9, para poder afirmar que, “se este não fosse de Deus, nada poderia a fazer “; a ressurreição de Lázaro ocupa todo o capítulo 11, para concluir que este milagre foi o pretexto para que o Sinédrio decidisse em definitivo eliminar Jesus (Jo.11.47-51); e 1ª multiplicação de pães (o único milagre descrito pelos quadros evangelistas) teve continuidade natural no sermão em que Jesus apresenta como o pão vivo que desceu do céu, e que dá vida ao mundo. (cap.6).

Marcos, segundo concorda a maioria dos estudiosos, foi o primeiro a ser escrito. Mateus o segundo e, Lucas o terceiro. Mateus parece ter consultado Marcos e Lucas certamente consultou a ambos. Marcos fala só do ministério de Jesus na Galiléia; Mateus fala de outros,

mas principalmente na Galiléia; Lucas fala do ministério de Jesus na Galiléia, Judéia e Samaria. Logo, o Evangelho de Lucas é mais amplo e contém muitas informações que outros sinópticos omitiram.

Lucas citou ensinamentos de Jesus entre os gentios, pois, escreveu a gentios. Ele mostra que Jesus salva judeus e gregos (ou gentios). Lucas foi discípulo de Paulo, apóstolo dos gentios.

Importantes tesouros só existem no Evangelho de Lucas, como o cântico de Maria (o "Magnificat") 1.46-55; o cântico de Zacarias (o "Benedictus") 1.68-79; o cântico dos anjos (o "Glória in excelsis") 2.14; e o cântico de Simeão (o "Nunc dimitis") 2.29-32.

Finalmente, o Evangelho de Marcos é chamado "Evangelho de Pedro", porque Marcos foi companheiro de Pedro; e Lucas chamado "Evangelho de Paulo", porque Lucas foi companheiro de Paulo. É lógico que escreveram, pessoalmente se seus líderes espirituais.

A última semana da vida de Jesus foi alvo da ocupação maior dos quatro: Mateus dedicou 1/3 do seu evangelho à última semana; Marcos dedicou 1/3; Lucas dedicou 1/3; e João ocupou metade do seu evangelho àquela última semana. João gastou 7 capítulos só para registrar fatos acontecidos no dia da crucificação do Jesus Cristo, o que representa 1/3 do que livro.

IX - VISTA PANORÂMICA DO LIVRO DE ATOS

→ Tema: O irresistível avanço do Evangelho de Jerusalém a Roma.

→ Estilo literário: O livro de Atos, juntamente com o Evangelho de Lucas e o tratado aos Hebreus, contém a redação grega mais culta de todo o Novo Testamento. Por outra parte, seu autor seguia fontes semíticas, o estilo grego às vezes é áspero.

→ Autoria: – De acordo com a tradição da Igreja Primitiva, Lucas foi o autor do livro de Atos. Assim sendo, esse livro é uma seqüência do Evangelho de Lucas. As evidências internas do próprio livro de Atos confirmam a autoria lucana. O livro tem início com uma dedicatória a Teófilo, tal como sucede com Evangelho de Lucas. Vocabulário e estilo são extremamente parecidos em ambos os livros. O uso freqüente de termos médicos concorda com o fato que Lucas era Médico (Cl. 4:14). Com o uso do pronome "nós" (às vezes subtendido), ao descrever diversas jornadas de Paulo, o autor do livro de Atos deixa entendido que Ele mesmo era um dos companheiros de viagem do apóstolo. Outros companheiros de viagem de Paulo não se ajustam dentro dos informes dos textos.

→ O Propósito da Escrita: O propósito do Evangelho de Lucas foi o de narrar a vida de Jesus, com ênfase sobre sua certeza histórica. Já o propósito central do livro de Atos foi o de traçar o triunfal progresso do Evangelho, a partir de Jerusalém, onde teve início, até Roma, capital do império.

O propósito geral de Lucas-Atos, pois, é fazer a exposição dos primórdios do cristianismo, na vida de Jesus e na extensão do cristianismo, dentro da história da Igreja Primitiva, afim de convencer aos seus leitores sobre o avanço irresistível do evangelho, mostrando que Deus mediante o Seu Espírito, verdadeiramente está operando na história da humanidade, visando a redenção de todos os homens.

→ Data: – Este livro foi escrito provavelmente no final da década de 60, talvez antes do ano 70, quando Paulo estava preso em Roma.

→ Esboço do Livro, destaque: (1) O revestimento de poder – Isso aconteceu, com a descida do Espírito Santo sobre os crentes no dia de Pentecostes, conforme promessa feita por Jesus, pouco antes de sua ascensão aos céus (Lc. 24:44 - 49). Esse revestimento de poder, não visava levar a Igreja à experiências de puro êxtase, que por sua vez, não desembocam em ações que glorificam a Deus e edificam o próximo, e sim, capacitá-la a ser eficaz testemunha do poder de

Deus (At. 1:8); a fazer a diferença em meio a uma geração corrompida pelo pecado; a ser luz em meio às trevas. Esse é o objetivo do revestimento do poder e, para esse fim é que deve ser por nós buscado; (2) O evangelho deveria ser pregado em Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins do mundo – Essa ordem, nos mostra que o Evangelho não era para ficar só em Jerusalém. Os cristão primitivos estavam desfrutando de tantas bênçãos no início, que se esqueceram da missão dada por Jesus, de se espalharem para pregar a Palavra de Deus; pelo que , Jesus permitiu uma perseguição, a primeira sofrida pela Igreja, para que os discípulos (assim como Jonas), fossem forçados a cumprirem sua missão. Uma vez dispersos, os crentes iam pregando a todos que encontravam, (8.4). Ao fazer referência aos samaritanos (os quais, eram inimigos dos judeus), Jesus tencionava mostrar que esses também eram alvo da graça perdoara de Deus e, por isso, deveriam ser também evangelizados. E, assim como Ele estava disposto a perdoá-los, os judeus que se diziam seus seguidores, também deveriam fazer o mesmo; (3) O martírio de Estevão foi o estopim de uma perseguição geral contra os cristãos, por parte de judeus incrédulos. A testa dessa perseguição achava-se Saulo (Paulo), natural de Tarso, cidade da Ásia Menor. (4) Os samaritanos recebem o Espírito Santo: O Espírito Santo não desceu sobre os crentes samaritanos enquanto Pedro e João não oraram e impuseram as mãos sobre eles, em sinal de reconhecimento de que a promessa era também para eles. Não poderia haver lugar mais, para antigas rivalidades existentes entre eles; (5) A conversão de Saulo: O capítulo 9 descreve a conversão de Saulo, no caminho de Damasco, quando ia cumprir sua missão de perseguir os crentes. Deus o chamou para pregar o Evangelho aos gentios. Depois de longo e sério preparo, o Espírito Santo operou para que ele fosse enviado. Isso está registrado no capítulo 13. E daí até o final do livro, só se fala do ministério de Paulo (que é o seu nome na língua dos romanos) e da perseguição que ele sofreu.

X - VISTA PANORÂMICA DAS EPÍSTOLAS PAULINAS

O apóstolo Paulo é o autor do maior número de livros do NT, em número de 13.

1. As Primeiras Epístolas Paulinas

a) Gálatas – Escrita por Paulo em Corinto, no ano 57. Os gálatas tinham sido evangelizados por Paulo. Todavia, depois que Paulo saiu da Galácia, chegaram lá uns “cristãos judaizantes” (pregadores que diziam: “Se não vos ⁱⁱcircuncidardes segundo o costume de Moisés, não podereis ser salvos” At.15.1b). Eram judaizantes, porque queiram que os crentes se fizessem judeus, para serem salvos. Ao que Paulo era totalmente contrário, tendo enfrentando até ao próprio Pedro por causa disto, Ef.2.11-14.

→ Assunto - Independência do Evangelho. A palavra principal é LIBERDADE. Em Gálatas está a ênfase de que o crente é salvo pela fé, isto é, quem se acha escravo por causa da lei, agora pode ficar livre pela fé em Cristo, pois “o homem não é justificado por obra da lei, e sim, mediante a fé em Cristo Jesus”(2.16), porque “o justo viverá pela fé” (3.11); aqui Paulo cita o VT (Hc.2.4) mostrando que, desde a antiga dispensação o plano de Deus é salvar o pecador mediante a fé e não por meio das obras.

→ Ensinos principais – Os gálatas haviam ouvido de Paulo a mensagem da salvação em Cristo, de graça, mediante a fé. Mas, os judaizantes os confundiram, com a idéia de mistura com a lei. Paulo lhes escreve indignado por eles terem aceitado tal idéia, e exclama: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vos outros ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado? Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (3.1,2).

Ao tratar do sério caso dos gálatas, Paulo escreveu de próprio punho, pelo menos uma parte (6.11) de sua carta. Ao dispensar o seu escriba, que sempre escrevia as cartas que ele ditava, Paulo demonstrava o seu zelo pelas ovelhas que estavam sob os seus cuidados.

Tão sério foi o desvio dos crentes gálatas para o legalismo, que Paulo chamou tal movimento de “outro evangelho”(1.6.7) e recomenda que nenhuma mensagem estranha, venha de onde vier, de anjo ou até do próprio Paulo, jamais poderia ser aceita (1.8,9).

A lei da sementeira e da colheita está no final da epístola (6.6-10) e a sua base é “de Deus não se zomba” (v.7).

b) 1ª Tessalonicenses – Escrita por Paulo em cerca de 53, quando estava em Corinto. A cidade de Tessalônica ainda existe, com o nome de Salônica. Pertencia a Macedônia. Paulo fundou aquela igreja, depois que saiu de Filipos (At.17.1-4). A carta foi levada por Timóteo.

→ Assunto – A volta de Cristo é o tema principal. Para esperar a volta do Senhor, Paulo recomenda a santificação, conservação da esperança, pois, sua volta é iminente e existe uma recompensa para o servo fiel.

→ Ensinos Principais – Em Tessalônica, Paulo foi acusado de transtornar o mundo (At.17.6). Isso mostra a dinâmica do trabalho do apóstolo. Fala do conceito adquirido pela igreja tessalonicenses (1.8) e adverte acerca da pureza (4.1-5). Dá a doutrina da ressurreição (4.13-18) e dá uma lista de recomendações: “Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças ... Não extinguais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o bem. Abstende-vos de toda aparência do mal.”(5.16-22).

c) 2ª Tessalonicenses – Paulo escreveu esta epístola logo após a primeira, no ano de 53 AD. A igreja dos tessalonicenses ia bem. Sua fé crescia muitíssimo (1.3). Mas, uma falsa epístola os havia confundido (2.2) Paulo apela que nada deveria demovê-los de sua firmeza da fé.

→ Assunto – A expressão “epístola como de nós”, indica uma perturbação criada por alguém que, maldosamente, teria forjado uma epístola como se fosse escrita por Paulo, afirmando que a consumação do “dia de Cristo” era para aqueles dias. Paulo o desmente, afirmando: “não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus... (2.3,4). Não há referências ao VT porque a epístola era dirigida a gentios, que não conheciam as Escrituras.

→ Ensinos principais - O ensino principal é sobre a Segunda vida de Cristo. A referência ao “homem do pecado” esclarece pontos importantes da Escatologia (o estudo sobre as últimas coisas), pois referem-se ao anticristo, que é a besta referida no Apocalipse, contra os que aceitaram o falso ensino da volta iminente de Cristo e que não queiram mais trabalhar, Paulo diz: “...se alguém não quiser trabalhar, não coma também. Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando ... “ (3.10,11). O princípio ensinado por Paulo é que, embora creiamos na volta de Cristo a qualquer momento, devemos viver nossa vida normal.

2. As Epístolas Principais de Paulo

a) I Coríntios – Escrita por Paulo em Éfeso por volta do ano 59, no final do ministério ali. Paulo havia fundado a igreja de Corinto, tendo ficado lá um ano e meio. Com sua saída, surgiram problemas sérios na igreja. A igreja escreveu a Paulo, para perguntar-lhe acerca de alguns assuntos. Esta carta foi escrita para responder as questões e orientar os irmãos ali, (7.1).

→ Assunto – Nesta epístola, Paulo dá lições de vida cristã, a conduta imoral, as demandas entre irmãos na fé; orientações sobre casamento, vida conjugal e divórcio, sobre celebração de Ceia do Senhor, dos dons espirituais e defende a verdade sobre ressurreição. Não fez os escritos sistematicamente, mas tomou cada assunto não importando a sua ordem, e dissertou sob eles.

→ Ensinos principais – Em 1^a Co. Paulo trata de assuntos do dia a dia da vida dos irmãos. Mas, nem por isso deixou de invocar sua autoridade para doutrinar. Veja-se o início do capítulo 2 onde ele diz: “E eu, irmãos, quando foi ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não com sublimidade de palavras ou de sabedoria,” (v.1). “A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e poder.”(v.4). Tal prática nos deixa uma bela lição de importância de termos, como ministros do Senhor, uma base espiritual sólida para o exercício do trabalho.

Neste livro, Paulo mostra a fragilidade da sabedoria humana em contraste com a profundidade do conhecimento de Deus, que para os homens parece loucura.

b) II Coríntios – Escrita por Paulo no ano 60, quando ele estava na Macedônia. Ela foi enviada por meio de Tito, que conduziu também a primeira e ajudou na solução dos problemas da igreja de Corinto, (2.13).

→ Assunto – Muita crítica havia surgido contra a autoridade do apostolado de Paulo. Ele, então contrariado, mostra que os obreiros que lhe negaram tal autoridade não tinham nada para comparar ao seu testemunho. Os frutos do seu apostolado estavam espalhados pelos lugares por onde ele passou e os próprios coríntios eram exemplos desta verdade (1^a Co.9.20). Os adversários de Paulo, sim, eram falsos apóstolos (11.13). E para se defender, Paulo o faz constrangido (11.21 e segs.).

→ Ensinos principais – É a mais pessoal de todas as epístolas paulinas. Tem elevado cunho auto autobiográfico, tratando inclusive de traços mais íntimos, como o “espinho na carne”(12.7) o seu arrebatamento “ao paraíso”(12.4), bem como das privações e grandes sofrimento porque passou no seu ministério, como fala em 11.23-27. Ensina sobre o perdão (2.6), sobre a graça de contribuir (capítulos 8 e 9); sobre a morte (capítulo 5); sobre o jugo desigual (6.14-18); sobre a pureza (7.1).

c) Romanos – escrita por Paulo, quando estava em Corinto, enviada por alguém a Febe (16.1) aos crentes que estavam em Roma, por volta do ano 57.

→ Assunto – Trata dos assuntos mais importantes, focalizando os temas mais notáveis da teologia da salvação. Muitos dos mais importantes comentaristas consideram Romanos – o livro mais importante que já foi escrito na terra; Coleridge diz que é “A obra mais profunda que existe”. Myer Pearlman citou a opinião de que Romano é a “catedral da doutrina cristã”. Para Guilherme W. Orr, Romanos é o “coração e a alma de revelação de Deus ao povo desta época” e “a mais completa história da necessidade do remédio e dos resultados da morte de Cristo” e ainda “o pensamento chave é a justiça de Deus ... da completa condenação até a integral e justa glorificação”.

→ Ensinos principais – O apóstolo Paulo, sob tremenda manifestação do Espírito Santo do Senhor, escreveu ordenadamente sobre a doutrina da salvação, inicialmente mostrando todo um universo sob condenação. Depois, mostra a salvação imerecida, pela fé em Jesus, depois o crente cheio do Espírito Santo, vitorioso por meio de Cristo e vai até mostra o crente glorificado com Cristo. E tudo isto de um modo magistral.

Ele mostra a fraqueza da carne, no capítulo 7. Mas, mostra também a força do crente, para vencer, no final do capítulo 8 e diz: “as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada.” (8.18).

3. As Epístolas Paulinas da Prisão - Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon compreendem as chamadas epístolas da prisão, assim denominadas porque Paulo se achava encarcerado quando as escreveu. Há dois períodos conhecidos de aprisionamento de Paulo, um em

Cesaréia, durante o governo de Félix (At. 23-26) e, outro em Roma, enquanto Paulo esperava ser julgado perante César (At. 28). A posição tradicional atribui todas as chamadas epístolas da prisão ao período de aprisionamento em Roma, mas a possibilidade que isso tenha ocorrido em Éfeso ou Cesaréia não deve ser descartada, no caso de uma das epístolas da prisão.

a) Efésios – Escrita por Paulo em 62, quando ele estava em Roma, preso. Por isso é chamada é “Epístola da Prisão”, ao lado de Colossenses, Filemon e Filipenses. Éfeso era cidade importante da Ásia Menor, com um teatro para 50 mil pessoas, o templo da Diana, que foi uma das sete maravilhas do mundo antigo. Paulo ficou lá durante 3 anos (At.20.17,31). Em Éfeso, Paulo afirma ter lutado “com feras”¹ Co.15.32. Mas, Paulo fez também muitos amigos ali, os quais choraram na sua despedida em Mileto, At.20.36-38.

→ Assunto – O assunto de Efésios é a Igreja. Cristo é a “Cabeça da Igreja”. A idéia não é de uma igreja local, mas a Igreja Universal. É a mais impessoal das epístolas de Paulo. A mensagem é abordada com grande realismo ideológico: há conflitos na vida cristã e acontecem fracassos; mas, há uma vitória no final da carreira, com uma possessão de glória para os vencedores.

→ Ensinos principais – Nesta epístolas, a salvação do crente é assegurada como fato passado: Deus nos “abençoou”, “escolheu”, “predestinou”(1.1-5). A teologia da salvação está novamente expressa claramente em 2.9. Trata de assuntos domésticos, comparando marido e mulher com Cristo e a Igreja (5.22-33) e fala da armadura espiritual do crente (6.10-20).

b) Filipenses – Escrita por Paulo na prisão em Roma, por volta de 63. A Igreja fora fundada por Paulo e a cidade dos filipenses era importante centro militar. Quando a igreja de Filipos, levando esta epístola de Paulo àquela igreja.

→ Assunto – Alegria, regozijo, paz são palavras de conforto nesta carta. Paulo se alegra, apesar da sua prisão. O seu exemplo havia estimulado os crentes ao evangelismo. O seu estado de preso não o impedia de pregar a Palavra; os que pregavam por inveja, porfia ou qualquer outro motivo de alegria.

→ Ensinos Principais – Paulo disse nesta carta: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho.”(1.21) O exemplo de Cristo, como padrão para o crente é notável. O texto de 2.5-11 é uma peça do mais alto valor teológico. O reconhecimento da insignificância das glórias terrenas é narrado no trecho de 3.4-14. Finalmente, uma palavra de esperança (3.20,21) e de gratidão pela dádiva enviada para o seu sustento (4.10); sua palavra sobre a capacidade de se contentar em qualquer situação é de grande importância (4.11-14).

c) Colossenses – Paulo a escreveu na prisão em Roma, em 62. A cidade de Colossos ficava próximo de Éfeso, na Ásia Menor. A igreja colossense não fora fundada por Paulo pessoalmente, mas parece ter sido trabalho de Epafras ou Árquipo. Epafras também foi preso, pelo que a carta foi enviada através de Tíquico e Onésimo (4.7-9).

→ Assunto – É intimamente relacionado ao de Efésios: Cristo, Cabeça da Igreja. Combate as heresias do ascetismo pagão, mistura do legalismo judaico com filosofia grega, que mais tarde foi conhecido como “gnosticismo”. Os gnósticos defendiam a tese da importância do conhecimento, mais que da revelação de Deus. Para eles, isso era privilégio de alguns “iluminados”, o que significava discriminação em relação aos mais atrasados ou ignorantes. Paulo refuta estas idéias, mostrando que Cristo é a total revelação, “porque nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e estais perfeitos nEle, que é a Cabeça de todo principado e potestade.” (2.9,10).

→ Ensinos principais – O ascetismo pagão é a doutrina da mortificação da carne, do auto flagelo, com vistas a ganhar a bênção divina. É o mesmo que “fazer penitências”, subindo escadas de joelhos, a renúncia do conforto físico. Paulo condenou isso no trecho de 2.20-23. Elas têm apenas aparência de santidade. Condena o legalismo dos judaizantes (2.11-19), e fala de verdadeira circuncisão, não da carne: “a circuncisão de Cristo”(v.11). Princípio é : Santificação só por meio da obra de Cristo. Nunca filosofias.

d) Filemom – Escrita na prisão em Roma e no ano 64 AC. Destinada a Filemom, membro da igreja de Colossos.

→ Assunto – Filemom era um rico senhor de escravos. Um escravo seu, de nome Onésimo, fugiu e converteu-se a pregação de Paulo, na prisão romana. Paulo lhe aconselhou a retornar à casa de seu dono, agora irmão em Cristo e lhe dá esta carta, que Onésimo leva pessoalmente. Paulo pede a Filemom o perdão para Onésimo. Se Onésimo ficasse com Paulo, ser-lhe-ia muito útil; e “útil” é o significado do nome de Onésimo (v.11).

→ Ensinos principais – O tratamento de Paulo a Filemom é muito respeitoso; seu apelo em favor de Onésimo é cheio de amor; o apelo paulino “se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta”(v.8), pode significar que Filemom fosse um homem severo. A maior lição é a devolução do “roubado” por aquele que encontra Cristo.

4. As Epístolas Pastorais de Paulo

a) I Timóteo – Paulo a escreveu na Macedônia, no ano 65 AD. Timóteo era pastor em Éfeso, sendo discípulo e grande amigo de Paulo, de quem merecia total confiança.

→ Assunto – Paulo escreveu três epístolas chamadas “pastorais”: 1^a e 2^a Timóteo e Tito. Trata de doutrinas falsas ou heresias, orienta sobre a liderança da Igreja, quanto às qualificações dos obreiros.

→ Ensinos principais – Trata dos deveres dos crentes, tanto homens como mulheres. Dá doutrina para os ministros de Deus e aos diáconos. Fala da apostasia dos últimos tempos. Ensina os ministros sobre como trabalhar com os mais velhos, os moços, sobre a assistência às viúvas.

b) II Timóteo – Paulo a escreveu em Roma, no ano de 67 AD, na prisão. Pediu que Timóteo fosse vê-lo (4.9,13,21). Esta prisão de Paulo é a segunda. Na primeira, ele pôde ficar numa casa alugada, com liberdade para receber visitas à vontade. Nesta Segunda, ficou na prisão Manertina, em Roma.

→ Assunto – A esse tempo, Paulo só contava com a presença de Lucas a o seu lado (4.11). Alguns dos seus amigos e companheiros o haviam abandonado, devido às grandes pressões contrárias. Outros tinham sido por Paulo enviados a fazerem a obra em vários lugares. Apelou então para que Marcos viesse auxiliá-lo, pois lhe seria útil, agora mais experiente (4.11).

→ Ensinos principais – Trata Paulo aqui de fazer suas despedidas: “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada...”(4.6-8) . Traz uma exortação ao pastor Timóteo, para suportar as aflições típicas do seu ministério. Manda ensinar tudo que aprendera a homens fiéis, que fossem capazes de ensinar a outros (2.2). Assim a obra não sofreria solução de continuidade. Exorta o obreiro a apresentar-se a Deus aprovado e avisa ser inevitável ao fiel a sofrer perseguições.

c) Tito – Escrita por Paulo na Macedônia, em 65 AD. Como epístola pastoral, assemelha-se a 1^a e 2^a Timóteo. Tito foi grande colaborador de Paulo e exercia o pastado em Creta, lugar de gente difícil, como afirma em 1.12, usando palavras de um poeta cretense, que

chama seus conterrâneos de “mentirosos, bestas, ruins, ventre preguiçosos.” E Paulo acrescenta: “Este testemunho é verdadeiro”(1.13).

→ Assunto – Orientar Tito sobre como se portar diante de um povo estranho, de comportamento difícil. Paulo manda “exortar severamente” para que sejam sãos na fé, (1.13). A missão de Timóteo era nada fácil. Ele tinha de colocar em ordem as coisas e rebater a obra dos falsos mestres.

→ Ensinos práticos - A missão do presbítero ou bispo, com suas exigências e qualificações dada a responsabilidade da obra. A resistência que deve ser feita contra os mestres falsos. O conselho para não fazer uso das genealogias, que nada edificam. A valorização do ministro do Senhor e o cuidado para não impor as mãos precipitadamente sobre obreiros neófitos.

XI - CARTA AOS HEBREUS – JESUS O NOSSO GRANDE SUMO SACERDOTE

Autor desconhecido. Há quem defenda autoria de Paulo, mas nada pode provar isso. Foi escrita no ano 65 AD, e parece ter sido escrita em Roma, conforme 13.24. Motivo: estava havendo muita perseguição aos cristãos. Tanto que muitos de pouca experiência e convicção estavam voltando ao judaísmo. A epístola encorajava os crentes a perseverarem. Em 10.38,39 é uma síntese dessa tese; os heróis da fé no capítulo 11 é um desafio à perseverança.

→ Assunto – É um livro da “superioridade”. Uma salvação superior, um Sumo sacerdote superior, uma esperança superior, um santuário superior, um descanso superior, um concerto superior, um caminho superior, um pacto superior, tudo no livro é superior. Tal é a qualidade da mensagem do livro, que ele foi aceito e reconhecido como inspirado, não obstante o seu anonimato autoral.

→ Ensinos principais – A perfeita revelação de Deus em Cristo é patenteada no capítulo 1. Cristo é superior aos anjos (cap. 2); é superior a Moisés (cap.3); Cristo oferece um repouso (caps. 3 e 4); Cristo é superior aos sumos sacerdotes (4.14 – 6.20); o sacerdócio de Cristo é segundo a ordem de Melquisedeque, superior ao da Arão (cap.7); Cristo é mediador de um novo pacto, selado com seu próprio sangue (cap.8); o sacrifício superior, feito por Cristo, dispensa repetição (caps.9 e 10); por tudo isto, vale a pena preservar na fé, embora isso custe sofrimento (10.19 – 12. 29). Uma palavra a respeito da necessidade de servir a Jesus fora faz portas de Jerusalém parece conter um apelo de Deus para livrar os crentes da iminente destruição daquela cidade, que se deu no ano 70 AD. Veja 13.12-14. O capítulo 13 traz diversas exortações quanto ao amor fraternal, a hospitalidade, assistência aos encarcerados, a santidade conjugal, o combate à prostituição, a obediência aos pastores e a imitação de sua fé e maneira de viver, etc. Hebreus é a mais rica interpretação do livro de Levítico. A saudação final uma semelhança com os escritos de Paulo, por isso é alguns autores defendem sua autoria.

XII - AS EPÍSTOLAS UNIVERSAIS

Esse vocábulo veio a ser aplicado pela Igreja primitiva às epístolas de Tiago, I e II Pedro, I - III João e Judas, porque, excetuando II e III João, elas não contam com indicações de terem sido endereçadas a alguma localidade. Deve observar que receberam o nome de seus autores tradicionais, no que se parecem com os Evangelhos, mas, diferentemente das epístolas paulinas e de Hebreus, que derivam seu nome dos seus destinatários tradicionalmente atribuídos.

a) Tiago – Esse Tiago era irmão de Jesus e não um dos dois apóstolos que tinham este nome (ver Mc. 6.3). Tiago e seus irmãos estavam na reunião de oração quando os 120 foram batizados no Espírito Santo (At.1.14). Acredita-se ter sido ele pastor da igreja em Jerusalém (At. 15). A tradição diz que ele morreu martirizado em Jerusalém (At.15). Ele destinou sua epístola

aos judeus dispersos, das 12 tribos de Israel, referindo-se naturalmente aos crentes pertencentes às 12 tribos, pois fala a crentes.

→ Assunto – Tiago defende a tese de uma fé que redunde em obras. Para ele, se não produzir obras, a fé é morta. Paulo fala da salvação pela fé independente das obras não podem salvar; Tiago ensina que a fé que não leva o crente a praticar atos de um verdadeiro convertido, também não é a fé que salva. Jesus mesmo ensinou que a fé que salva promove um “novo nascimento”.

→ Ensinos principais – Tiago só fala de cristianismo prático. Nada de teorias. Há quem considere o texto de Tiago como o mais superficial dos textos neotestamentários. Mas, porque ele é prático. Fala sobre dois tipos de sabedoria: uma de Deus e outra de demônio (3.15,17). Encoraja o crente nas tentações, exorta a cumprir a Palavra de Deus, condena o fazer acepção de pessoas, traz a melhor exortação contra o tropeço na palavra, condena a opressão dos ricos e ensina sobre a unção dos enfermos com azeite.

b) I Pedro – Escrita pelo apóstolo Pedro em cerca de 65 AD. Na Babilônia (5.13). Sua carta, como a de Tiago, é destinada aos cristãos judeus (1.1), mas também aos gentios (2.10).

→ Assunto – Os judeus crentes dispersos estavam vivendo em grande pobreza e sofrimento. O objetivo da carta é dar-lhes conforto. A ordem na vida do crente é esta mesma: primeiro sofrimento; depois, a glória.

→ Ensinos principais – Pedro reconhece que os escritos de Paulo são nivelados às “demais Escrituras”. Trata do sofrimento do cristão como motivo de bênçãos. Pedro trata, nas suas epístolas, de todas as doutrina básicas do cristianismo; o novo nascimento (1.23); a redenção pela morte de Jesus na cruz (2.24); a ressurreição (3.20); a volta de Jesus (1.7.13; 5.4). Ensina sobre a esperança, a santidade, a conduta entre os incrédulo, a submissão às autoridades, o comportamento do crente novo junto ao seus padrões seus patrões ou senhores, os deveres conjugais, o amor fraternal, a paciência, e sobre os deveres dos prebíteros.

c) II Pedro – Escrita pela apóstolo Pedro em 66 AD destinada aos que conosco alcançaram a fé igualmente preciosa (1.1). São os mesmos destinatários da primeira. A diferença que se nota na linguagem pode ser explicada por ter tido Pedro vários auxiliares, e um ajudou-o na primeira, outro na segunda.

→ Assunto – Havia muito problema externo a Ásia Menor, naquela época. A igreja era pressionada e perseguida. Esta carta tinha visava estimular os crentes à perseverança contra todo tipo de heresia e oposição. Oposição, perigo externo; heresia, perigo interno.

→ Ensinos principais – Advertência contra os falsos mestres. A suficiência da proteção divina. Nenhuma Escritura tem interpretação particular, mas precisa ser compreendida à luz do seu contexto escriturístico. Explica a razão da demora de volta do Senhor (3.9) e diz que o crente é participante da natureza de Deus (1.4).

d) I João – autor: João, o apóstolo. Escrita em Éfeso, por volta de 95 AD João foi quem demorou a escrever e quem mais viveu, dentre os apóstolos.

→ Assunto – Trata da segurança do salvo (5.13). João fala do crente como estando muito perto de Deus e longe do mundo. Este texto é considerado como dos mais íntimos da Bíblia, ao lado de Cantares do VT.

→ Ensinos principais – João fala como ouviu, viu e apalpou o Senhor. Combate as heresias que existiam em abundância nos seus dias. Os ebionitas ensinavam que Cristo foi uma emanção de Deus, que desceu sobre Jesus; os docetas pregavam que Cristo era apenas uma aparência,

não tinha corpo, logo não sofreu na cruz. João condenou todas essas idéias em sua carta. Falou sobre o anticristo, os falsos profetas e mostrou que o amor é a maior característica do crente, porque Deus é amor (4.8) e o que é falso não pode amar.

e) II João – Escrita pelo apóstolo João, no ano 97 AD, em Éfeso. É uma epístola pessoal, dirigida “a senhor eleita e aos seus filhos”, talvez uma mulher crente, muito hospitaleira, que recebia muitos missionários em sua casa.

→ Assunto – João escreve para avisar “à senhora eleita” sobre o perigo de hospedar pregadores de heresias, que trariam danos à Igreja, “porque já muitos enganadores entraram no mundo”(v.7). E diz; “Se alguém vem ter convosco, e não traz esta sã doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis” (v.10).

→ Ensinos principais – A tão recomendada hospitalidade não deve ser extensiva aos que possam trazer-nos danos. O amor fraternal é sempre louvado por João, “o apóstolo do amor”. Nada nos deve demover da doutrina pura e santa do evangelho ensinado pelos apóstolos.

f) III João – Autor João, o apóstolo. No ano 97 AD, em Éfeso, Ásia Menor. Destinatário: o irmão Gaio.

→ Assunto – Um indivíduo de nome Diótrefes estava desviando a correspondência de João, dirigida à igreja, para ficar na sua liderança, e ainda fazia campanha com acusações à pessoa do apóstolo (vv.9,10). João dirige-se a um membro influente da igreja, tentando fazer chegar àqueles irmãos. E apela para que Gaio não se deixe influenciar pelo mal (v.11).

→ Ensinos principais – A igreja nunca ficou e jamais ficará na terra sem problemas internos e externos. Mas o crente fiel não deve dar lugar ao espírito de oposição aos verdadeiros líderes espirituais, colocados por Deus à frente do seu rebanho. O elogio a Demétrio é uma lição de que o crente fiel, mesmo em meio às lutas, será reconhecido no céu e na terra.

g) Judas – Este Judas é também um dos irmãos de Jesus, como Tiago (Mc.6.3). Escreveu em 67 AD.

→ Assunto – Alerta sobre o progresso da apostasia. O estímulo é para lutar pela fé, contra tudo que é falso mestre, filosofia vã, que ensinava a vida licenciosa dos crentes. Tais “mestres” diziam que Deus é bom demais para punir o pecador. Judas desmascara tais pregadores e ensina a verdade.

→ Ensinos principais - consciência de horror ao pecado. Fala de uma profecia de Enoque, sobre a vinda de Cristo (14,15). E se refere ao enterro de Moisés, cujo corpo foi pretendido por satanás; e o arcanjo Miguel lutou contra satanás por essa causa.

XIII - VISTA PANORÂMICA DE APOCALIPSE

1. Autoria – Autor é João, o apóstolo, que também escreveu o Quarto Evangelho, 1^a, 2^a e 3^a João (epístolas). Quando João estava na ilha de Patmos, como exilado, por perseguição religiosa. Ao ser liberto, fixou residência em Éfeso. Patmos, ilha grega do arquipélago Dodecaneso. Lá existe um mosteiro em homenagem a S. João, que dispõe de uma riquíssima biblioteca (Enciclopédia Brasileira Mérito).

2. Data – Nos últimos dias do reinado de Domiciano, cerca de 96 AD. Domiciano se ocupava de desencadear uma perseguição, como o propósito de erradicar a Igreja. Mas, a morte de Domiciano em 96 teria mudado o rumo, havendo libertação para João, sob o império de Nerva. João viveu até o governo de Trajano, que também perseguiu a Igreja a partir do ano 100 AD.

3. Assunto - É a “Revelação de Cristo Jesus”. A palavra grega APOCALIPSE significa REVELAÇÃO. O conteúdo do Apocalipse só tem alguns paralelos nos profetas do VT, pois tem grande visão sobre temas poucos citados. Jesus também falou de temas apocalípticos, especialmente em Mt.24. O Apocalipse é, sem dúvida o complemento das Escrituras, bem a sua chave de fechamento (22.19)

4. Divisão – O livro traz a súpula de sua divisão natural:

a) As coisas que são;

b) As coisas que depois destas não de acontecer. As que são se referem aos tempos em que a Igreja está na terra; as que depois destas não de acontecer, são fatos que terão lugar no futuro.

5. Mostra de Cristo Glorificado - Jesus em sua glória é aqui mostrado, com em nenhum outro lugar (1.9-20). Mostra as igrejas locais, representadas por estrelas, significando os ministros que as representam nas mãos do Senhor. Aquele que tocar num ministro do Senhor, fere as mãos do Senhor.

6. Destinatários do livro – Existe uma interpretação de que as sete cartas do Apocalipse referem-se profeticamente as sete períodos da História da Igreja.

→ Éfeso – período do declínio, no final da era dos apóstolos;

→ Smirna – período de 300 anos de perseguições;

→ Pérgamo – período de Constantino ao papado;

→ Tiatira – período papal, do século VI ao XVI (ou do VI ao XII);

→ Sardes - período papal, do século XII ao XVI (ou do XVI ao avivamento metodista)

→ Filadélfia - período da Reforma do século XVI até os nossos dias (ou do avivamento metodista é chamado Período Missionário.

→ Laodicéia – O período que vai do tempo presente até a volta de Jesus. Assim sendo, não temos uma definição sobre se estamos no período de Filadélfia ou de Laodicéia. A diferença é que Filadélfia não recebeu nenhuma repreensão do Senhor; mas Laodicéia não é fria nem quente. A qual delas pertencemos?

7. O número sete em Apocalipse – Os números 3 e 7 são considerados perfeitos nas Escrituras. Em Apocalipse temos: sete maldições, sete selos, sete personagens, sete trombetas, sete taças e sete novas coisas.

8. A grande tribulação – A maior parte do livro se ocupa da grande tribulação, sendo todos os capítulos do quarto ao décimo nono.

9. O céu é descrito – A descrição do céu no Apocalipse é outra peça inédita. Mas o principal objetivo é um convite para *VIR A CRISTO*.

10. Relação com outras Escrituras – Tem mais citações do VT do que o próprio Evangelho de Mateus. Mateus fez 92 citações; Hebreus tem 102; Apocalipse 285. E Apocalipse é o único livro da profecia do NT.

BIBLIOGRAFIA

→ PANORAMA DO NOVO TESTAMENTO - Ed. Vida Nova/ 1997
Roberto H. Gundry, Ph. D.

→ INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO NOVO TESTAMENTO. Ed. Juerp.
3ª Edição/1989 . RJ - Broadus David Hale

→ O CRISTIANISMO ATRAVÉS DOS SÉCULOS - Uma história da Igreja Cristã - 2. Ed. SP. Ed Vida Nova, 1995. Earle E. Cairns.

→ Apostila elaborada pelo PR. WALTENSIR L. DE SILVA, a qual, foi por ele elaborada tendo como base a seguinte Bibliografia:

1. SÍNTESE BÍBLICA DO NT – Mateus a João – CPAD/1983

Carlos Johansson e Ivan Hellstron

2. 27 CHAVES PARA O NT – Imprensa Batista Regula/1985 Guilherme W.Orr

3 ATRAVÉS DA BÍBLIA LIVRO POR LIVRO – Emprevan Editora/1974 Myer Pearman

4. MANUAL BÍBLICO ‘- Livraria Editora Evangélico/1963 H. Halley

5. O NOVO COMENTÁRIO DA BÍBLIA – 3º volume – Edições Vida Nova/1963 Autores diversos

NOTAS DE FIM

ⁱ CAUSAS DA PERSEGUIÇÃO POR PARTE DO IMPÉRIO ROMANO

A) Política: No início, a perseguição quase sempre partia de fontes judaicas. Isso por que, o cristianismo era visto até então pelas autoridades romanas, como parte do judaísmo, que era uma *religio licita*, isto é, uma seita legal. Mas, logo que foi distinguido do judaísmo como seita separada e pôde ser classificado como sociedade secreta, o cristianismo recebeu a interdição do estado romano que não admitia nenhum rival à obediência por parte de seus súditos. Tornou-se então, um *religio illicita*, considerada como ameaça à segurança do estado romano. O estado era o supremo bem em uma união dele com a religião. Não poderia haver religiões particulares. A religião somente seria tolerada se contribuísse para a estabilidade do estado. A religião cristã, por sua vez, exigia exclusiva lealdade moral e espiritual daqueles que aceitavam a Cristo; assim, quando a escolha entre a lealdade a Cristo e a lealdade a César tinha de ser feita, César era colocado em segundo plano. Era este o temor dos líderes romanos, empenhados em preservar a cultura clássica dentro da estrutura do império estatal. Os romanos passaram a ver os cristãos como desleais ao Estado, que estavam tentando fundar um estado dentro do estado. A soberania exclusiva de Cristo confrontou-se com as reivindicações de César à soberania exclusiva.

Muitas práticas cristãs pareciam confirmar as suspeitas da deslealdade básica dos cristãos ao Estado levantadas pelas autoridades romanas. Os cristãos, recusavam-se terminantemente, a oferecer incenso nos altares devotados ao culto ao imperador romano, com quem o bem estar do estado era inextricavelmente associado na mente do povo ao período de imperial entre César Augusto e Constantino. Quem sacrificasse nesses altares, podia praticar uma segunda religião particular. Os cristãos não faziam esses sacrifícios e eram, conseqüentemente, tomados como desleais. Os cristãos também realizavam a maioria de suas reuniões à noite e em segredo. Para a autoridade romana isto deixava claro que se preparava uma conspiração contra a segurança do estado.

B) Religiosas: Os romanos não se opunham a acrescentar um novo ídolo ao grupo de panteão, desde que a divindade se subordinasse às pretensões de primazia feitas pela religião do Estado. Os cristãos por sua vez, não tinham ídolos; suas orações não era dirigida a nenhum objeto visível. Isso para os romanos nada mais era do que ateísmo. O sigilo dos encontros dos cristãos também suscitou ataques morais contra eles. Pouca diferença fazia se estes boatos eram verdadeiros ou não.

ⁱⁱ **CARTA OS GÁLATAS** - A epístola de Paulo aos Gálatas diz respeito à controvérsia judaizante por causa da qual se reuniu o concílio de Jerusalém (At. 15). Muitos dos primeiros cristãos, por serem judeus, em grande medida continuaram a viver segundo seus moldes judaicos, incluindo a freqüência à sinagoga e ao templo de Jerusalém, oferecendo holocausto, observando os rituais e os tabus dietéticos da legislação mosaica, e mantendo-se socialmente distantes dos gentios. Mas, a conversão dos gentios forçou a Igreja ver-se diante de diversas importantes questões. Deveriam os cristãos gentios ser obrigados a se submeter-se à circuncisão e a praticar o modo judaico de vida, conforme era exigido dos prosélitos gentios que entravam no judaísmo? Para o caso daqueles gentios que não estavam dispostos a torna-se totalmente judeus, deveria haver uma cidadania de segunda classe no seio da Igreja como sucedia no caso dos "temente a Deus" gentios dentro do Judaísmo